

REAL EM QUEDA

Banco Central divulga valor disponível para intervenções no mercado de câmbio em agosto. Além disso, poderá antecipar resgate de títulos públicos para reduzir perdas de rentabilidade dos fundos de investimentos

Armas do BC para agosto

Vicente Nunes
Da equipe do Correio

O Banco Central procurou mostrar que não está de joelhos diante da grave crise de confiança que faz derreter os indicadores econômicos do país. O diretor de Política Monetária da instituição, Luiz Fernando Figueiredo, anunciou que o banco terá, em agosto, US\$ 1,835 bilhão para intervenções oficiais no mercado de câmbio. Serão ofertados US\$ 50 milhões por dia e US\$ 735 milhões em três renovações de linhas créditos ao longo do mês. Ao contrário de julho, quando o BC vendeu US\$ 1,1 bilhão e o mercado demandava empréstimos em dólar para pagamento em até 90 dias, as intervenções de agosto serão apenas de vendas diretas no mercado à vista, mesmo no caso dos US\$ 735 milhões. Há, segundo Figueiredo, uma grande procura por dólar entre empresas que não conseguem renovar dívidas em vencimento no exterior.

O BC não vai se limitar, porém, às intervenções diárias que o mercado batizou de *ração*. "O banco sempre pode lançar mãos de outros instrumentos. Vamos fazer intervenções adicionais nos momentos de maior turbulência, como fizemos ontem (segunda-feira) e hoje (ontem)", afirmou. Nesses dois dias, os

operadores estimaram vendas extras do BC de US\$ 300 milhões. Volume, no entanto, considerado insuficiente para acalmar os investidores. Tanto que, ontem, pelo sétimo dia consecutivo, o preço do dólar atingiu patamar recorde. Fechou em R\$ 3,30, com alta de 3,6%. No ano, a moeda norte-americana já subiu 30,2%.

Temendo fazer comentários que pudesse agravar as turbulências que sacodem o país, Figueiredo foi econômico nas explicações. Questionado sobre a potencial força do BC para conter o nervosismo do câmbio, respondeu que a *ração* diária que o BC vem dando ao mercado tem sido suficiente. "No ano passado, quando o BC anunciou as intervenções diárias de US\$ 50 milhões, houve críticas de que tal volume era insuficiente para atender a demanda. Mas, depois, viu-se que a política do BC era mais do acertada", afirmou.

A força de intervenção do BC, garantiu Figueiredo, independe de um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), que pode ser anunciado nos próximos dias, e reforçar as reservas cambiais em pelo menos US\$ 20 bilhões. "Temos, hoje, reservas suficientes para manter o mercado sob controle", disse, sem revelar valor. Os especialistas estimam, porém, que, sem o FMI, o BC teria para gastar, até o fim do ano, US\$ 9,6

Jefferson Rudy



FIGUEIREDO, DO BC, ACHA QUE A VENDA DIÁRIA DE US\$ 50 MILHÕES ACABARÁ POR ACALMAR O MERCADO DE CÂMBIO

bilhões. É quase o mesmo valor de dívidas de empresas privadas que vencerão entre agosto e dezembro. Ou seja, se fosse apenas vender dólar para evitar o calote das companhias brasileiras no mercado internacional, o poder de fogo do BC estaria zerado.

INVESTIMENTOS

Junto com a política de intervenções diárias, o diretor do BC informou que a diretoria do banco vai regulamentar esta quarta-feira decisão tomada ontem, em reunião extraordinária, pelo Conselho Monetário Nacional (CMN). O Banco Central leiloará direitos de empresas, fundos de investimentos, empresas, instituições financeiras e pessoas físicas de lhe venderem títulos públicos em uma determinada data e a um preço pré-definido. É o que se chama, tecnicamente, de mercado de opções. Por exemplo: um fundo que tenha títulos com vencimento em 2006 poderá vendê-los ao

DÓLAR EM ALTA

Ao fim do dia, a moeda americana fechou com alta de 3,45% sobre a cotação da véspera

Cotação em R\$



Fonte: Reuters

BC em dezembro deste ano, desde que aceite um desconto nos rendimentos.

Com essa medida, o governo quer diminuir as grandes oscilações nas taxas de rendimentos dos títulos públicos, que tem imposto perdas aos investidores. "A opção de venda ajudará o mercado a acomodar os preços dos papéis públicos, pois funcionará como uma espécie de

seguro", afirmou Figueiredo. Atualmente, as taxas de juros dos títulos públicos variam de acordo com as turbulências. Quando olham as cotas negativas dos fundos, por causa dos movimentos bruscos, os investidores acabam sacando o dinheiro que têm aplicado e as perdas se aceleram. "Com o seguro, o valor das cotas se acomodará", garantiu o diretor do BC.